SHONDA RHIMES

O ANO EM QUE DISSE SIM

COMO DANÇAR, FICAR AO SOL E SER A SUA PRÓPRIA PESSOA

Tradução
Mariana Kohnert

1ª edição

RIO DE JANEIRO | 2016

Para Harper, Emerson e Beckett,

Que todo ano seja um Ano do Sim. Que vocês herdem um futuro que não mais exija que sejam P.U.D. E, se o futuro chegou e isso ainda não aconteceu, sigam em frente e comecem a revolução. A mamãe deixa.

e

Para Delorse,

Por me permitir começar minha revolução particular. Por dizer "sim" e aparecer todas as vezes em que chamei seu nome. Você é a P.U.D. da família — nós cinco que viemos depois de você agradecemos por criar nossas segundas chances.

A necessidade de mudar abriu uma estrada
no centro de minha mente.
— MAYA ANGELOU

Se você quer que coisas ruins parem
de acontecer com você, pare de aceitar
coisas ruins e exija algo mais.
— CHRISTINA YANG, *GREY'S ANATOMY*

Olá

Sou velha e gosto de mentir (uma espécie de retratação)

Eu sou uma mentirosa.

E não me importo que as pessoas saibam.

Invento coisas o tempo todo.

Antes que você comece a especular sobre meu caráter e minha sanidade... deixe-me explicar: invento coisas porque preciso. Não apenas porque gosto de fazer isso. Quer dizer, eu *gosto* de fazer isso. Eu me divirto muito inventando coisas. Criar histórias fantasiosas enquanto cruzo os dedos às costas me deixa ligada, agitada, me desperta.

Eu *gosto* de inventar coisas.

Eu *adoro isso.*

E de certa forma também está impregnado em mim. Meu cérebro? Meu cérebro naturalmente vai em direção às meias-verdades; ele se volta para a ficção. É como uma flor voltada para o sol. É como escrever com a mão direita. Inventar é como um vício que dá uma sensação gostosa: é fácil de começar, difícil de abandonar. Fiar contos fantásticos, tricotar novelos feitos de histórias. É meu viciozinho secreto. E eu gosto dele.

Mas não é *apenas* um vício. Eu preciso fazer isso. Tenho de fazer.

Inventar as coisas?

É um emprego.

De verdade.

É sério.

A mesma coisa que me colocava de joelhos na igreja durante o recreio, recitando o terço para alguma freira na St. Mary's Catholic School, em Park Forest, Illinois, é um emprego de verdade e honesto. Juro por Jesus, Maria e José.

"Não conte a ninguém, mas minha mãe fugiu da Rússia. Era noiva de um cara, Vladimir — precisou deixar para trás o amor da vida dela e tudo. É tão triste. E agora precisa fingir ser uma norte-americana completamente normal, ou todos podemos ser mortos. É *claro* que eu falo russo. *Dã.* O quê? Ela é uma russa *negra*, seu burro. Como um russo branco, porém negro. De qualquer maneira, não importa que tipo de russa, jamais podemos voltar para lá, nunca, ela é uma mulher jurada de morte por lá agora. Por tentar assassinar Leonid Brejnev. Como assim *por quê*? Você não sabe da história? Para impedir o inverno nuclear. Para salvar os Estados Unidos. Dã."

Era de se pensar que eu ganharia créditos por saber quem era Leonid Brejnev. Era de se pensar que conseguiria algum bônus por ler sobre a política russa. Era de se pensar que alguém me agradeceria por ensinar a meus colegas de 10 anos sobre a Guerra Fria.

Joelhos. Igreja. Freiras. Terço.

Consigo recitar o terço dormindo. Eu já *recitei* o terço dormindo.

Inventar coisas foi o motivo disso. Inventar coisas é responsável por tudo — tudo o que já fiz, tudo o que sou, tudo o que tenho. Sem os contos, a ficção, as histórias que teci, é muito provável que neste momento, hoje, eu fosse uma bibliotecária muito calada de Ohio.

Em vez disso, os frutos da minha imaginação mudaram qualquer que fosse a espiral descendente que as freiras da escola esperavam que minha vida seguisse.

As coisas que inventei me levaram do pequeno quarto compartilhado com minha irmã, Sandie, no subúrbio de Chicago, ao quarto no dormitório de uma faculdade de elite nas colinas de New Hampshire e, mais tarde, me levaram a Hollywood.

Meu destino montou no dorso da minha imaginação.

As histórias pecaminosas que me valeram orações como penitência durante o recreio são as mesmas histórias que agora me permitem comprar uma garrafa de vinho e um bife no mercado sem me preocupar com o preço. Poder comprar vinho e bife e não pensar no preço é muito importante para mim. Isso era uma meta. Porque, quando eu era uma aluna pobre de pós-graduação na escola de cinema, geralmente não tinha dinheiro. E muito frequentemente precisava *escolher* entre vinho e coisas como papel higiênico. Bife nem mesmo entrava na lista.

Era vinho ou papel higiênico.

Vinho.

Ou.

Papel higiênico.

O papel higiênico nem sempre ganhava.

Por acaso vi você me lançar um olhar? Isso foi... você acabou de me *julgar*?

Não. Você *não* vai embarcar neste livro para me julgar.

Não é assim que vamos começar esta jornada. Vamos seguir devagar pela estrada. Estamos juntos neste livro, meu amigo. Então deixe que aquela que nunca escolheu o vinho atire a primeira pedra. Caso contrário...

Às vezes o papel higiênico não vence a disputa.

Às vezes uma mulher pobre precisa mais do vinho tinto.

Então você precisa me dar um desconto se eu não me arrependo do meu amor pela magia de um pouco de mentiras e invenção.

Porque eu ganho a vida inventando coisas.

Imaginar é meu trabalho agora. Escrevo roteiros para programas de televisão. Invento personagens. Crio universos inteiros em minha mente. Invento palavras nas conversas do dia a dia — talvez você se refira a sua *vajayjay* e conte a sua amiga que alguém do trabalho tomou um sermão no maior estilo *Pope* por causa dos meus programas. Eu dou à luz bebês, acabo com vidas. Danço para esquecer. Uso o chapéu branco. Opero. Luto. Exonero. Eu giro novelos, conto contos e sento em volta da lareira do acampamento.

Eu me envolvo com a ficção. Ficção é meu trabalho. Ficção é isso. Ficção é tudo. Ficção é meu pulsar.

Sim, sou uma mentirosa.

Mas agora, sou uma mentirosa *profissional*.

Grey's Anatomy foi meu primeiro trabalho de verdade na televisão. Ter um programa como meu primeiro trabalho de verdade na TV significava que eu não sabia nada sobre trabalhar na TV. Perguntei a todos os escritores de TV com quem esbarrei como era o emprego, como era estar no comando da temporada de uma série em uma emissora de televisão. Recebi uma porção de bons conselhos, e a maioria deles deixou claro que cada programa é uma experiência muito diferente, muito específica. Com uma exceção: todos os escritores que conheci comparavam escrever para a televisão a montar os trilhos para um trem que se aproxima com velocidade.

A trama é o trilho, e você precisa continuar montando, por causa do trem. O trem é a produção. Não importa o que aconteça, você continua escrevendo, continua montando os trilhos, porque o trem de uma produção está vindo em sua direção — não importa o que aconteça. A cada oito dias, a equipe precisa começar a preparar um novo episódio — encontrar locais, construir sets, desenhar figurinos, encontrar acessórios, planejar tomadas. E, a cada oito dias depois disso, a equipe precisa *filmar* um novo episódio. A cada oito dias. Oito dias para preparar. Oito dias para filmar. Oito dias, oito dias, oito dias, oito dias. Significa que a cada oito dias a equipe precisa de um roteiro novinho. E meu trabalho é fornecer um a ela, oras. A. Cada. Oito. Dias. Aquele trem da produção está vindo. A cada oito dias, é bom que a equipe naquele set tenha algo para filmar. Porque a pior coisa que se pode fazer é interromper ou descarrilar a produção e custar ao estúdio centenas de milhares de dólares enquanto todos a aguardam. É assim que se passa de um escritor de TV para um escritor de TV fracassado.

Por isso aprendi a montar os trilhos com rapidez. Talentosamente. Criativamente. E rápido como um relâmpago.

Adicione um pouco de ficção.

Preencha aqueles vãos com alguma história.

Pregue um pouco de imaginação naquelas bordas.

Eu sempre sinto o calor do trem atrás de minhas coxas, em meus calcanhares, nos ombros, nos cotovelos, em minhas costas, conforme ele ameaça me atropelar. Mas não recuo e deixo o vento frio acertar meu rosto conforme observo o trem passar acelerado. Eu jamais recuo. Não porque não possa. Porque não quero. Recuar não é meu trabalho. E, para mim, não há trabalho melhor na face da terra do que o meu. A adrenalina, a empolgação, o... eu chamo de *zum*. Tem um *zum* que acontece em minha mente quando chego a tal ritmo de escrita, é como quebrar a barreira do som. Quando montar os trilhos deixa de parecer que estou escalando uma montanha com as mãos e os joelhos e passa a parecer um voo sem esforço no ar, tudo dentro de mim simplesmente muda. Eu quebro a barreira da escrita. E a sensação de montar trilhos muda, se transforma, passa de esforço a exultação.

Fiquei boa nisso, em inventar coisas.

Eu poderia mentir nas Olimpíadas.

Mas tem outro problema.

Sou velha.

Não a velha do tipo que agita o punho e grita se você passar correndo pelo meu jardim. E não do tipo anciã enrugada e respeitada. Não sou velha por fora. Quer dizer, por fora eu estou *bem*.

Eu pareço *jovem*.

Não pareço velha, e provavelmente jamais vou parecer. Sério. Nunca vou envelhecer. Não porque eu seja uma vampira ou algo assim.

Nunca vou envelhecer porque sou filha da minha mãe.

A minha mãe? Ela é incrível. Na pior das hipóteses, em um dia ruim, ela parece uma jovem de 25 anos um pouco preocupada por ter exagerado na balada na noite anterior. É sério, a mulher está quase com... Ela não vai gostar se eu contar. Então vamos colocar da seguinte forma: minha mãe tem seis filhos, 17 netos e oito bisnetos. Quando a vejo, gosto de dizer que ela está “com

tudo no lugar". Principalmente porque isso a assusta. Também porque a faz rir. Em grande parte porque todos sabemos que é verdade. Mas, secretamente, digo isso porque é como um alívio para mim: sei que aquele rosto me aguarda.

Sobre as mulheres da minha família: nós ganhamos na loteria genética.

Acha que estou brincando?

Não estou.

Quando envelhecer, vou entrar na fila junto com as mulheres da família de minha mãe e aproveitar os benefícios daquele bilhete vencedor. Porque não ganhamos apenas na loteria. Ganhamos o prêmio máximo, meu bem. Todos os números.

Minhas tias, minhas primas, minhas irmãs... você deveria nos ver, todas parecendo participantes de concurso de beleza infantil. Nós, mulheres, descendentes de minha avó Rosie Lee? Somos lindas demais. Nosso negro não enruga — *de verdade*. Como minha irmã Sandie e eu gostamos de lembrar uma à outra: "Sempre seremos as mulheres mais lindas do asilo."

E é isso que é tão agridoce e triste. Porque minha mente...

Minha mente. Ah, minha mente.

Minha mente é uma velha.

Velha de verdade.

Velha do tipo que só toma sopa.

Então, sim. Sim, eu serei uma das mais lindas residentes do Centro Sunset para Idosos que Não Querem Viver Como em *Grey Gardens*.

Mas, embora eu muito provavelmente seja uma beldade naquele baile de idosos, não vou sequer lembrar que um dia achei que ser linda em um asilo fosse algo divertido.

Eu posso ter ganhado a loteria genética por fora, mas por dentro...

Estamos escolhendo entre vinho e papel higiênico aqui, tudo bem?

Minha memória é uma porcaria.

É sutil. Talvez, se eu não passasse o dia inteiro precisando me expressar, precisando arrancar palavras da mente, jamais tivesse reparado. Mas eu passo. Então reparei. Talvez, se meu primeiro trabalho na TV não tivesse sido um programa de medicina, em que eu consultava um médico, desesperada e com certezas hipocondríacas de tumores e doenças sempre que eu espirrava, eu teria ignorado e atribuído o problema à falta de sono. Mas não foi. Não posso ignorar.

Esqueço nomes, troco detalhes de um evento por outro, uma história louca que tenho certeza de ter ouvido de um amigo foi, na verdade, contada por outro. O interior do meu cérebro é uma fotografia que desbota; histórias e imagens se dissipam para lugares desconhecidos, deixando trilhas vazias onde um nome, um evento ou um lugar deveriam estar.

Qualquer um que tenha assistido a *Grey's Anatomy* sabe que sou obcecada pela cura do mal de Alzheimer. Qualquer um que me conheça, mesmo vagamente, sabe que meu maior medo é desenvolver Alzheimer.

Tenho certeza absoluta de que sofro desse mal. *Tenho certeza* de que tenho Alzheimer. Tanta certeza, que levo minha porcaria de memória e minha hipocondria histérica ao médico.

Mas não tenho Alzheimer.

Não ainda.

(Obrigada, universo. Você é lindo e inteligente. Tão lindo e tão inteligente.)

Não tenho Alzheimer.

Só estou velha.

Um brinde à minha juventude.

O tempo simplesmente não é meu amigo. Minha memória, muito vagarosamente, é substituída por espaços vazios. Os detalhes de minha vida estão desaparecendo. As pinturas são roubadas das paredes do meu cérebro.

É exaustivo. E confuso. Às vezes engraçado. E muitas vezes triste.

Mas.

Meu emprego é inventar coisas. Tenho feito isso a vida toda.

Então.

Sem jamais ter me comprometido com um plano, sem jamais ter tentado ativamente, sem sequer perceber o que vai acontecer, a contadora de histórias dentro de mim dá um passo à frente e resolve o problema. Minha mentirosa interior salta e toma conta de minha mente, e começa a tecer os novelos. Começa simplesmente a... preencher os espaços vazios. A pintar por cima do nada. A completar as lacunas e ligar os pontos.

A montar os trilhos do trem.

O trem que está vindo, não importa o que aconteça.

Porque é esse o trabalho, meu bem.

É colocar ficção *nele*.

O que me lança um enigma.

Este livro não é ficção. Não é sobre personagens que inventei. Não acontece no Seattle Grace ou na Pope & Associates. É sobre mim. Acontece na realidade. Deveriam ser *apenas* os fatos.

O que significa que não posso florear. Não posso acrescentar um pouquinho aqui ou ali. Não posso colocar uma fitinha brilhante ou um punhado de purpurina nele. Não posso criar um final melhor ou colocar uma reviravolta mais emocionante. Não posso simplesmente mandar tudo ao inferno e escolher uma história boa, para mais tarde rezar um terço.

Não posso inventar coisas aqui. Preciso contar a verdade. Só tenho a verdade com que trabalhar. Mas é a *minha* verdade. E é aí que está o problema.

Você entende, não é?

Então. Essa é a minha retratação, imagino.

Cada palavra solitária deste livro é verdadeira?

Espero que sim.

Acho que sim.

Acredito que sim.

Mas como eu me lembraria se não fosse?

Sou velha.

Gosto de inventar coisas.

Tudo bem. É possível. Pode haver alguns trilhos aqui. Eu posso ter montado um trilho para o trem ao longo destas passagens. Não foi minha intenção. Eu não tentei fazer isso. Acho que não fiz. Mas é possível.

Só direi o seguinte: esta é a verdade de que me lembro. A verdade como a conheço. Tanto quanto uma velha mentirosa pode conhecer. Estou fazendo o melhor. Se não acertei cada detalhe, bem...

...mais uma vez, para quem não ouviu, pessoal:

Sou velha.

E gosto de mentir.

Prefácio

Nu frontal

Quando me sugeriram pela primeira vez que eu escrevesse sobre o último ano, meu instinto inicial foi dizer "não".

Escrever sobre mim é como se eu tivesse acabado de decidir subir em uma mesa de um restaurante muito chique, levantar o vestido e mostrar para todos que não estou usando calcinha.

Quer dizer, parece *chocante*.

Coloca em evidência as partes que costumo manter guardadas.

Partes íntimas.

Partes secretas.

Sabe, sou introvertida. Profundamente. Até os ossos. Minha medula é introvertida. Meu catarro é introvertido. Cada célula em meu corpo grita incessantemente comigo a cada palavra que digito, dizendo que escrever este livro é um ato antinatural.

Uma dama jamais expõe a alma fora de quatro paredes.

Mostrar a você um pouco de *mim* em nu frontal me deixa nervosa e inquieta, como se eu sentisse uma coceira em um lugar desagradável. Isso me faz respirar com muita dificuldade, de um modo esquisito, como um cachorro em pânico. É como se me fizesse rir de maneira descabida em público sempre que penso nas pessoas que estão lendo.

Escrever este livro me deixa desconfortável.

E essa, caro leitor, é a questão. É a coisa toda. Por isso estou escrevendo mesmo assim. Apesar da inquietude, das risadas e da respiração.

Estar confortável demais foi o que deu início a tudo isso, para começo de conversa.

Bem, estar confortável demais e ter escutado seis palavras estarrecedoras.

Além de "peru".

1

NÃO

— Você nunca diz "sim" para nada.

Seis palavras chocantes.

Esse é o início. Essa é a origem de tudo. Minha irmã Delorse pronunciou seis palavras chocantes e mudou tudo. Ela pronunciou seis palavras, e agora, enquanto escrevo isto, me tornei uma pessoa diferente.

— Você nunca diz "sim" para nada.

Ela nem mesmo *falou* as seis palavras chocantes. Ela as murmurou, na verdade, com os lábios mal se movendo, os olhos atentamente fixos na grande faca que segurava enquanto cortava vegetais em um ritmo frenético, tentando vencer o relógio.

simsim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim

Dia 28 de novembro de 2013.

Manhã do Dia de Ação de Graças. Obviamente, as expectativas são altas.

Ação de Graças e Natal sempre foram a especialidade de minha mãe. Ela domina os feriados familiares com perfeição impecável. Comida sempre deliciosa, flores sempre frescas, cores harmoniosas. Tudo perfeito.

No ano anterior, minha mãe anunciou que estava cansada de fazer todo o trabalho. Sim, ela fazia *parecer* fácil — isso não dignificava que *fosse* fácil. Então, ainda reinando suprema, ela declarou que estava abdicando o trono.

Agora, nessa manhã, é a primeira vez de Delorse usando a coroa. Isso deixa minha irmã tensa e perigosa.

Ela sequer se incomoda em olhar para mim enquanto murmura as palavras. Não há tempo. Familiares e amigos famintos vão se aglomerar ao nosso redor em menos de três horas. Nem mesmo começamos a costurar o peru. Ou seja, a não ser que minha irmã possa me matar, me assar e me servir recheada com calda de groselha, não vou conseguir a atenção total dela agora.

— Você nunca diz "sim" para nada.

Delorse é a filha mais velha. Eu sou a mais nova. Doze anos nos separam; essa diferença de idade é preenchida por nossos irmãos e irmãs — Elnora, James, Tony e Sandie. Com tantos irmãos entre nós, quando éramos mais novas era fácil sentir como se existíssemos no mesmo sistema solar, mas jamais visitássemos o planeta uma da outra. Afinal de contas, Delorse estava indo para a faculdade quando eu estava começando o jardim de infância. Tenho vagas lembranças dela em minha infância — Delorse fazendo trancinhas muito apertadas em meu cabelo, o que me causava dor de cabeça; Delorse ensinando a meus irmãos e irmãs uma dança nova, chamada The Bump; Delorse casando, entrando na igreja com minha irmã Sandie, e eu atrás, segurando a cauda do vestido dela, nosso pai ao seu lado. Quando criança, Delorse foi o modelo da mulher bondosa, como eu deveria crescer e me tornar. Adulta, ela se tornou uma de minhas melhores amigas. A maioria das memórias importantes de minha vida adulta a incluem. Então imagino que seja apropriado que Delorse esteja aqui agora, murmurando as palavras para mim. É apropriado que no momento seja ela, tanto quem me diz quem devo ser quando crescer *quanto* quem está no centro do que se tornará uma das lembranças mais importantes de minha vida.

E esse momento é importante.

Delorse não sabe. Eu não sei. Não agora. Agora, esse momento não parece nada importante. Agora, estamos na manhã do Dia de Ação de Graças e ela está cansada.

Delorse acordou antes do sol nascer e me ligou, me lembrando de tirar o peru de dez quilos da geladeira, para ele ficar em temperatura ambiente. Então dirigiu os quatro quarteirões da casa dela até a minha, para cozinhar o nosso grande jantar em família. Ainda não são 11 da manhã, mas Delorse já está trabalhando há horas. Picando, mexendo, temperando. Está trabalhando muito mesmo.

Estou observando.

Não é tão ruim quanto parece.

Não estou sem fazer *nada*.

Não sou uma *inútil*.

Entreguei as coisas quando ela pediu. E também estou com minha filha de três meses presa ao meu peito em um *sling* e com minha filha de um ano e meio no colo. Penteei o cabelo de minha filha de 11 anos, desliguei a TV com o programa a que ela estava assistindo e enfiei um livro em suas mãos.

Estamos conversando. Minha irmã e eu. Estamos conversando. Colocando em dia tudo que perdemos desde, bem... desde ontem ou talvez o dia anterior.

OK. Certo. *Eu* estou falando.

Estou falando. Ela está cozinhando. Estou falando e falando e *falando*. Tenho muito para contar a ela. Estou listando todos os convites que recebi na última semana ou mais. Alguém quer que eu participe de uma conferência, e outro me convidou para uma festa chique, e me convidaram para viajar até tal país para conhecer o rei ou participar de um talk show. Listo dez ou onze convites que recebi. Conto sobre todos eles, em detalhes.

Admito agora mesmo que jogo alguns detalhes picantes a mais, torço alguns contos, monto alguns trilhos. Estou propositalmente me gabando um pouco — estou tentando conseguir alguma reação de minha irmã mais velha. Quero que ela se impressione. Quero que ache que sou legal.

Veja bem, fui criada em uma família grande. Meus pais e irmãos têm muitas qualidades maravilhosas. São universalmente lindos e inteligentes. E, como eu disse, todos parecem muito jovens. Mas

os membros de minha família imediata têm, todos, uma falha criminosa e extremamente desagradável.

Eles não dão a mínima para o meu emprego.

Nada.

Nenhum deles.

Sequer um.

Todos ficam seriamente perturbados com qualquer um que possa se impressionar comigo. Por qualquer motivo. Pessoas se referindo a mim como se eu pudesse ser vagamente interessante os deixa profundamente espantados. Eles se entreolham, confusos, sempre que alguém me trata como qualquer coisa além do que eles acham que sou: a irmãzinha profundamente boboca, excessivamente faladeira.

Hollywood é um lugar bizarro. É fácil se distanciar da realidade aqui. Mas nada melhor para manter uma pessoa com os pés no chão do que um bando de irmãos que, quando alguém pede seu autógrafo, perguntam em um tom de voz verdadeiramente horrorizado: "Ela? O autógrafo da Shonda? Tem certeza? Shonda? Não, espere, sério, *Shonda?* Shonda RHIMES? *Por quê?*"

Isso é muito grosseiro. No entanto... penso em quantos egos inflados seriam salvos se todos tivessem cinco irmãos e irmãs mais velhos. Eles me amam. Muito. Mas não aturam qualquer porcaria de tratamento VIP dado à menina de óculos fundo de garrafa que anos atrás vomitou uma sopa de letrinhas na varanda e depois escorregou e caiu de cara no vômito.

E é por isso que, neste momento, estou sapateando verbalmente pelo cômodo, me agitando como se estivesse competindo por um troféu de dança de salão. Tento fazer com que minha irmã demonstre estar impressionada, preciso ver um lampejo de que ela talvez ache que sou remotamente legal. Tentar obter uma reação de algum familiar se tornou quase um jogo para mim. Um jogo que acredito que um dia *vencerei*.

Mas não hoje. Minha irmã nem mesmo se incomoda em piscar em minha direção. Em vez disso, impaciente, talvez cansada

e provavelmente cheia do som de minha voz tagarelando sobre minha lista de convites chiques, ela me interrompe:

— Você vai fazer alguma dessas coisas?

Silêncio. Fico um pouco espantada.

— Hã? — É isso que digo. — Hã?

— Esses eventos. Essas festas, conferências, talk shows. Você disse "sim" para algum deles?

Fico de pé ali por um momento. Em silêncio. Confusa.

Do que ela está falando? Dizer "sim"?

— Bem. Não, quer dizer... não — gaguejo. — Não posso dizer... Obviamente eu disse que não. Quer dizer, estou ocupada.

Delorse mantém a cabeça baixa. Continua cortando.

Mais tarde, quando eu pensar a respeito, vou me dar conta de que ela provavelmente nem estava me ouvindo. Provavelmente estava pensando se tinha ou não queijo cheddar ralado o suficiente para o macarrão com queijo que precisaria fazer em seguida. Ou decidindo quantas tortas assar. Ou imaginando como se livraria de fazer o jantar de Ação de Graças no ano seguinte. Mas, no momento, não entendo isso. No momento, minha irmã mantendo a cabeça baixa SIGNIFICA algo. No momento, minha irmã mantendo a cabeça baixa significa algo importante.

Profundo.

Desafiador.

Grosseiro.

Preciso me defender. Como me defendo? O que eu...

Neste exato momento (e isso é tão fortuito que decido que o universo me *ama*), Beckett, o alegre bebê de três meses preso a meu peito, decide golfar um gêiser de leite que escorre pela frente da minha blusa em uma cachoeira morna e esquisita. Ao meu lado, a comportada filha de um ano e meio, que não desgruda de Beckett, franze o nariz.

— Estou sentindo um cheiro estranho, querida — diz ela para mim. Emerson chama todo mundo de "querida". Conforme assinto

para ela e seco a mancha de leite morna e fedida, faço uma pausa. Observo a sujeira em meus braços.

E ali está minha defesa.

— Beckett! Emerson! Tenho bebês! *E* Harper! Tenho uma filha! Meninas são flores delicadas! Não posso simplesmente ir a lugares e fazer coisas!!! Tenho filhos para cuidar!

Grito isso do outro lado do balcão, na direção de minha irmã.

Espere. E por falar em cuidar de coisas... Também tenho que cuidar de uma coisinha chamada noites de quinta-feira. Rá! Faço uma dancinha da vitória e aponto para ela, gabando-me.

— Também tenho um emprego! Dois empregos! *Grey's Anatomy* E *Scandal*! Três filhas e dois empregos! Eu estou... ocupada! Sou mãe! Sou escritora! Comando programas de TV!

Bam!

Eu me sinto totalmente triunfante. Sou mãe. *Mãe*, droga. Tenho filhas. TRÊS filhas. E estou comandando dois programas de televisão ao mesmo tempo. Tenho mais de seiscentos membros na equipe que dependem de mim para trabalhar. Sou mãe e trabalho. Sou uma mãe trabalhadora.

Como... Beyoncé.

Sim.

Exatamente como Beyoncé.

Estou trazendo comida para casa E preparando comida na frigideira. Não é uma desculpa. É um fato. Ninguém pode argumentar contra isso. Ninguém pode discutir com Beyoncé.

Mas esqueci que essa é Delorse.

Delorse pode discutir com qualquer um.

Delorse solta a faca. Ela chega a parar de cozinhar e solta a faca. Ergue a cabeça e me encara. Minha irmã, a maior vencedora da loteria genética de nossa família, está na casa dos cinquenta anos. No fim da casa dos cinquenta anos. Os filhos dela são homens crescidos com diplomas e carreiras. Ela tem netos. No entanto, as pessoas costumam me perguntar se minha irmã de 57 anos é *minha filha*.

O horror disso às vezes é excessivo.

Quando ela ergue a cabeça para me olhar, parece mais uma audaciosa garota de 14 anos do que minha irmã mais velha. Seu rosto audacioso de 14 anos me encara.

— Shonda.

É tudo o que ela diz. Mas é dito com confiança...

Então disparo...

— Mãe *solteira*.

Agora, isso é uma sem-vergonhice. Você e eu sabemos. Porque, embora a definição técnica de "mãe solteira" se encaixe em "sou mãe e sou solteira", o significado coloquial e cultural não se encaixa. Tentar me apropriar desse termo como se eu fosse uma mãe com dificuldades, fazendo o melhor para colocar comida na mesa, faz de mim uma canalha. Eu sei disso. Você sabe disso. E, infelizmente... Delorse também sabe disso.

Preciso colocar um fim na conversa. Ergo uma sobrancelha e faço minha cara de mandona. Aquela que faço no escritório quando preciso que todos parem de discutir comigo.

Minha irmã não dá a mínima para minha cara de mandona. Mas ela pega a faca de novo e recomeça a cortar.

— Lave o aipo — diz ela.

Então, lavo o aipo. De alguma forma, o cheiro de aipo fresco, o movimento de lavar, a alegria de Emerson jogando a água sobre o balcão, tudo me embala em uma falsa sensação de segurança.

E por isso não estou preparada.

Eu me viro. Entrego a Delorse o aipo molhado e limpo. E fico surpresa quando, ainda cortando, Delorse começa a falar.

— Você é uma mãe solteira, mas não é uma *mãe solteira*. Eu moro a quatro quarteirões. Sandie mora a quatro quarteirões. Seus pais moram a quarenta minutos daqui e adorariam ficar com as crianças. Você tem literalmente a melhor babá do mundo. Tem três melhores amigas incríveis que se prontificariam para ajudar a qualquer momento. Está cercada por família e amigos que a amam, por pessoas que querem que seja feliz. Você é sua própria chefe, seu trabalho só é tão ocupado quanto você o fizer. Mas jamais

faz outra coisa além de trabalhar. Jamais se diverte. Costumava *se divertir tanto*. Agora, todas essas oportunidades incríveis aparecem, oportunidades únicas na vida, e você não aproveita nenhuma delas. Por quê?

Eu me mexo, desconfortável. Por algum motivo, não estou gostando disso. Não estou gostando nada dessa conversa. Minha vida está bem. Minha vida é ótima. Quer dizer, olhe em volta!

Olhe!

Estou... feliz.

Um pouco.

Estou um pouco feliz.

Mais ou menos.

Cuide da própria vida, Delorse. Você é irritante, Delorse. As pessoas não deveriam ser como Benjamin Button, seu rosto é claramente o resultado de um pacto com o diabo, Delorse! Quer saber, Delorse? Você tem cheiro de cocô.

Mas não digo nada disso. Na verdade, fico de pé ali por um bom tempo. Observando Delorse cortar. E, por fim, respondo. Colocando a quantidade certa de arrogância casual na voz.

— Não importa.

Então me viro, esperando ter indicado que a conversa terminou. Vou até a sala de estar, onde coloco cuidadosamente Beckett, já dormindo, no cesto. Ponho Emerson no trocador para colocar uma fralda limpa. Em um momento, subirei e tentarei encontrar uma camisa sem golfadas para usar no jantar. A fralda já está trocada. Seguro Emerson pelo quadril, deito a cabeça dela em meu ombro e nos viramos para olhar minha irmã quando sigo para as escadas. É quando ela diz. As seis palavras.

Quando as murmura. Quase sussurrando.

Enquanto termina de cortar as cebolas.

Seis palavras chocantes.

— Você nunca diz "sim" para nada.

Por um único segundo, o tempo para. Ele se torna um momento claro e congelado que jamais esquecerei. Uma das pinturas que

jamais será tirada de minha parede mental. Minha irmã, com um moletom marrom de capuz, os cabelos em um coque perfeito na altura da nuca, de pé ali com aquela faca na mão, a cabeça baixa, a pequena pilha de pedaços de cebola branca na tábua diante de si.

Delorse lança as palavras.

— Você nunca diz "sim" para nada.

Lança as palavras como se fossem uma granada.

Você nunca diz "sim" para nada.

Minha irmã afasta as cebolas e começa a cortar o aipo. Subo as escadas para trocar a blusa e amigos começam a chegar. O peru assa perfeitamente. O jantar está delicioso.

A granada fica caída ali, no meio de tudo. Silenciosa. Camuflada. Não penso nela.

Você nunca diz "sim" para nada.

O Dia de Ação de Graças chega e se vai.